



De Xentra a Sintra

A etimologia

Os seus rochedos, as águas fluídas, o arvoredado luxuriante, criaram em Sintra um historial vastíssimo, onde a fantasia se confunde com realismo histórico e arquitetónico.

Embora seja fácil encontrar suposições para a etimologia de “Sintra”, é difícil, senão quase impossível, traçar a sua origem até ao início do povoado. As contribuições para essa dificuldade são imensas, e o fato de vários povos terem passado pela Serra de Sintra, cruzaram-se, também, designações, decerto cada um a tentar ajustar a denominação do povo anterior.

Assim, a raiz toponímica é milenar Xentra, Zintira, Chinra, Xintra, foram algumas adaptações às mais variadas épocas. Tal como Xentra a Sintra, passando por Cintra, foi um pequeno passo, que independentemente da nominação, sempre carregou o mesmo sentimento, exaltação e desígnio ao longo dos séculos.

De Xentra a Sintra conta a história do passado e presente de um lugar memorável pleno de histórias e existências.



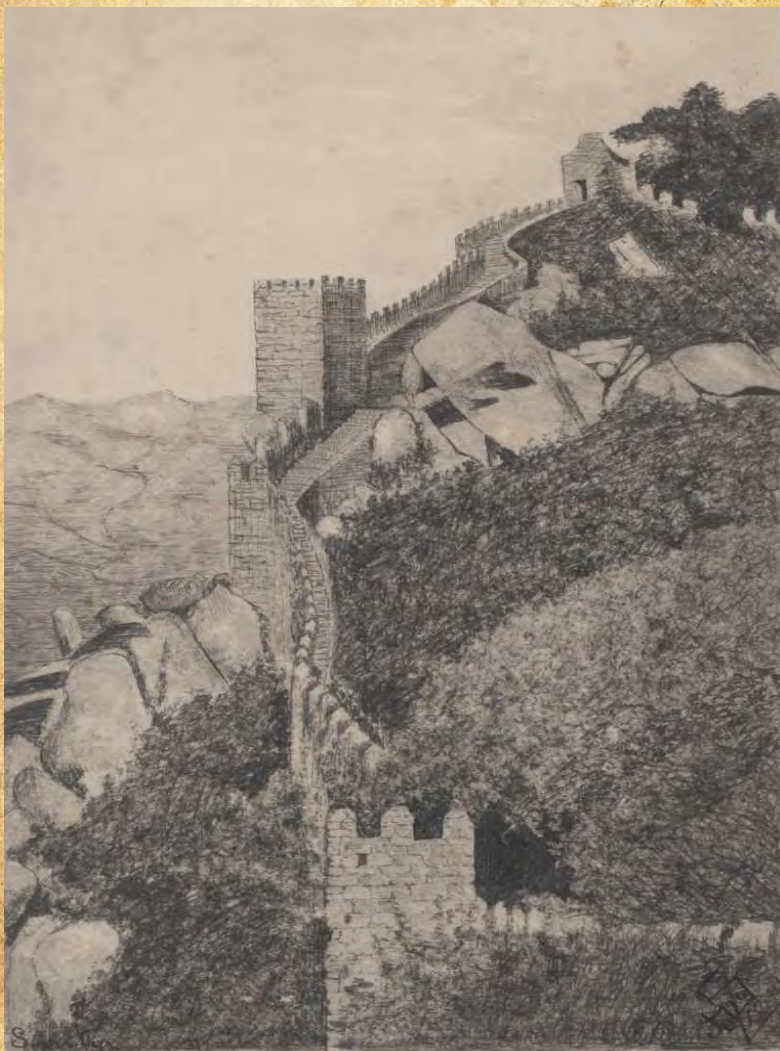
Perspetiva sobre a vila de Sintra

O domínio muçulmano

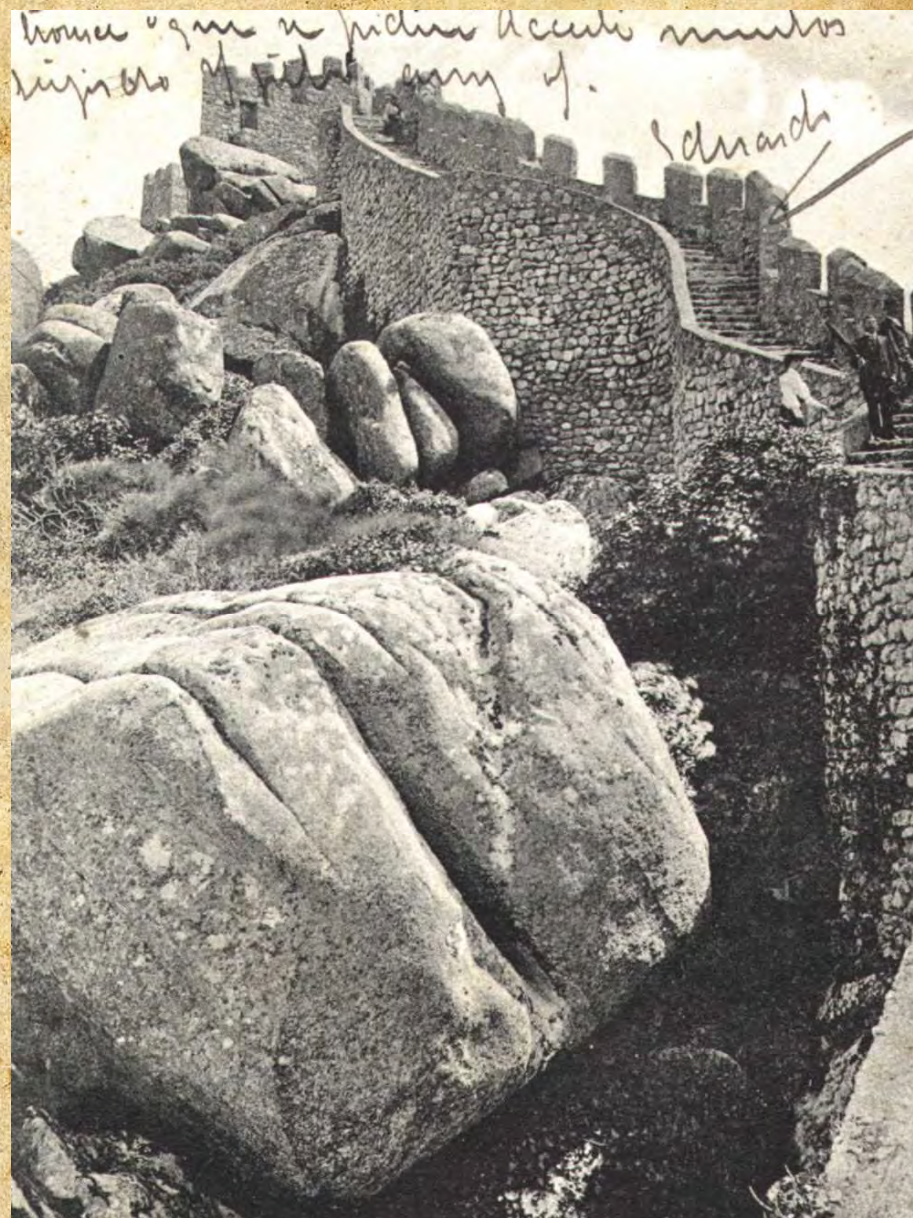
A invasão islâmica da península Ibérica, também conhecida como conquista árabe, abrangeu a região de Sintra. Nesta fase de fixação populacional digno de registo é a marcante e indispensável fortificação na serra a funcionar como sentinela estratégica de defesa e vigília, a que chamamos de Castelo dos Mouros.

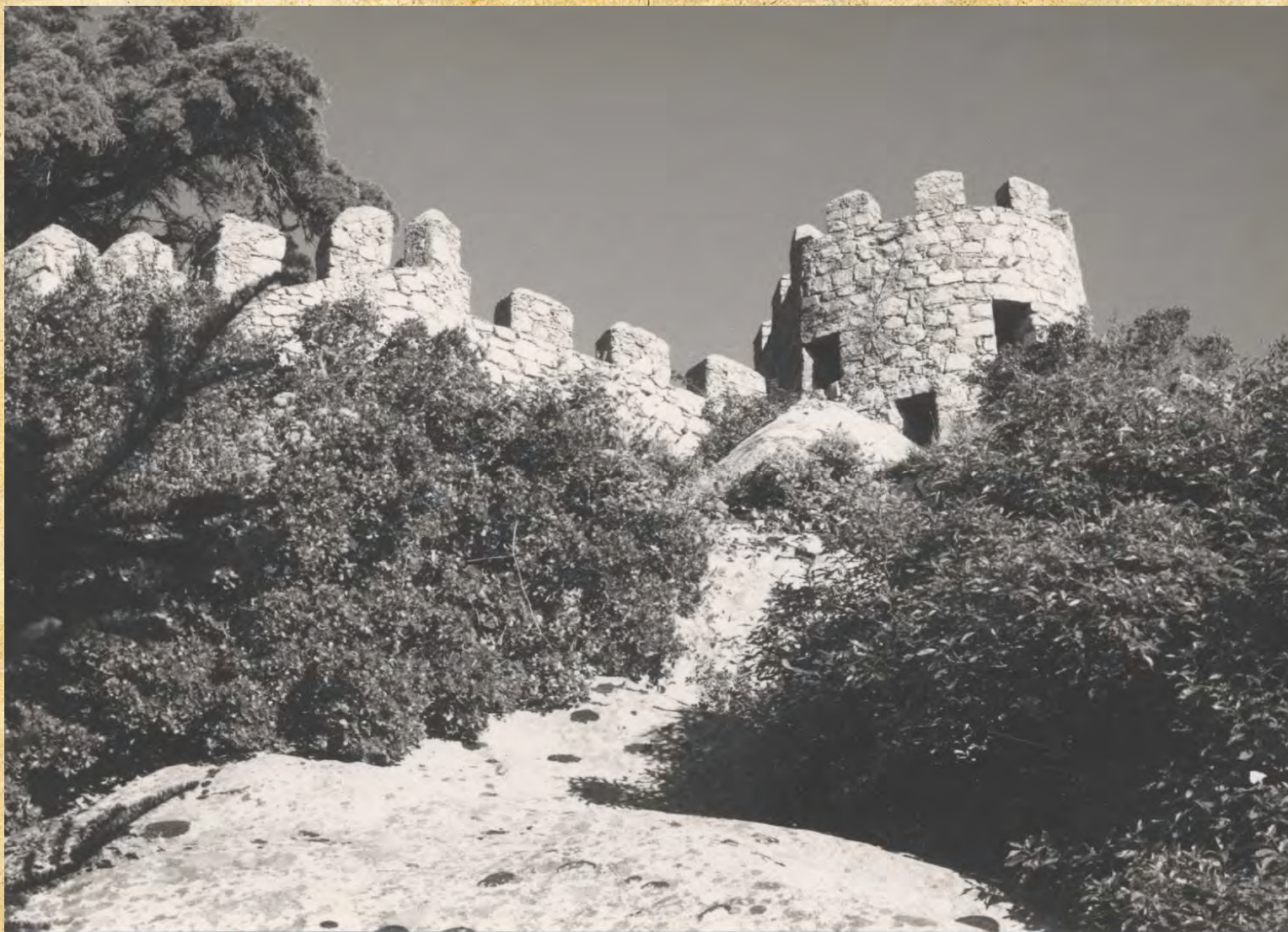
Erguido sobre um maciço pedregoso, isolado num dos cumes da serra de Sintra, do alto das suas muralhas descortina-se uma vista privilegiada de toda a sua envolvência rural que se estende até ao oceano Atlântico.

As suas muralhas são constituídas por uma cintura dupla, exterior e interior. Ainda hoje são visíveis troços da muralha exterior, onde se localiza a porta em rodízio de acesso ao recinto. O topo da muralha interna, ameada, é percorrido por adarve, sendo reforçada por diversas torres. A muralha apresenta cinco torres, quatro de planta rectangular e uma de planta circular encimadas por merlões piramidais, já sem vestígio dos dois pisos e do sistema de cobertura primitivos.

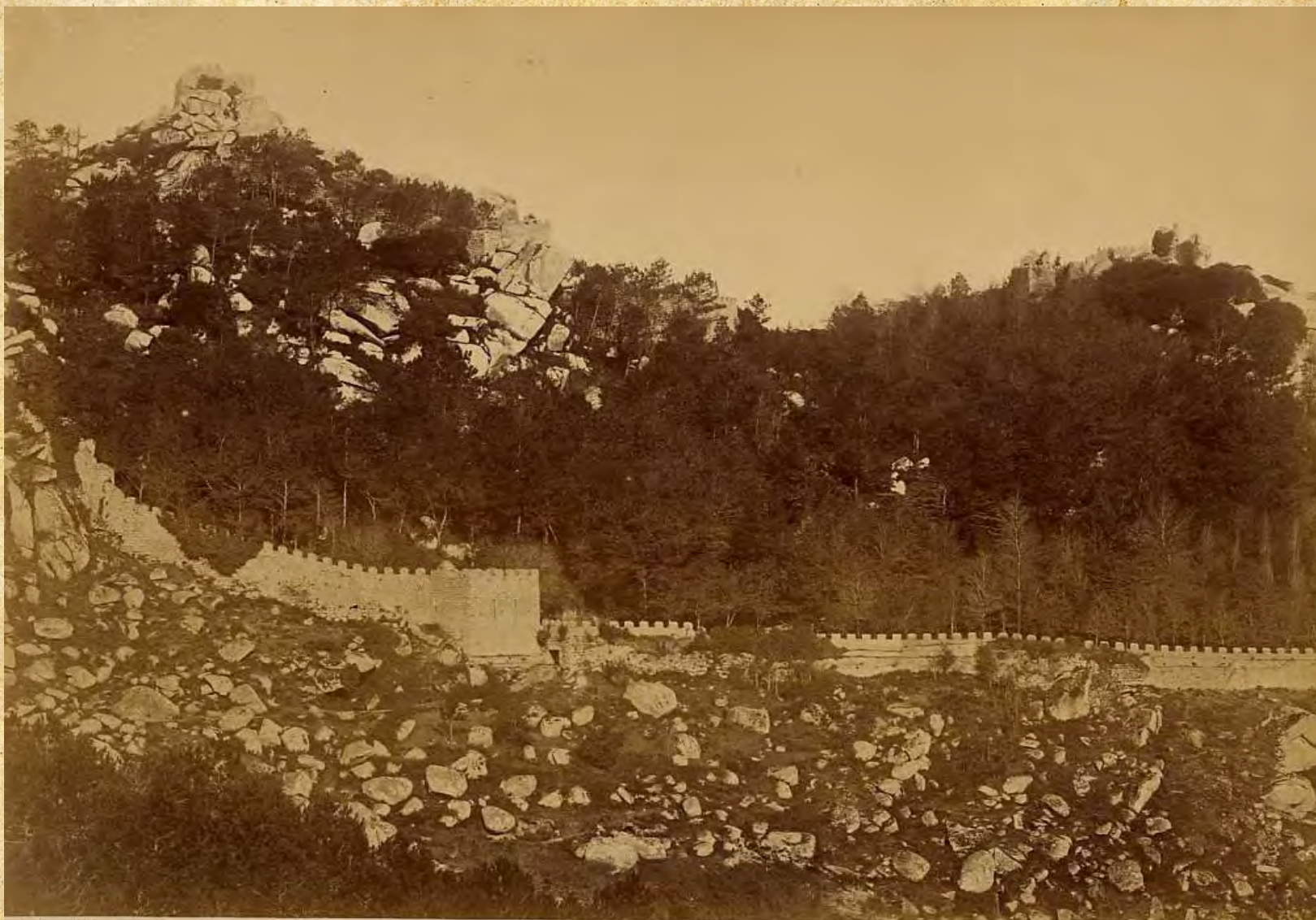


Adarve e muralhas do castelo dos Mouros





Vista parcial da alcaçova do Castelo dos Mouros



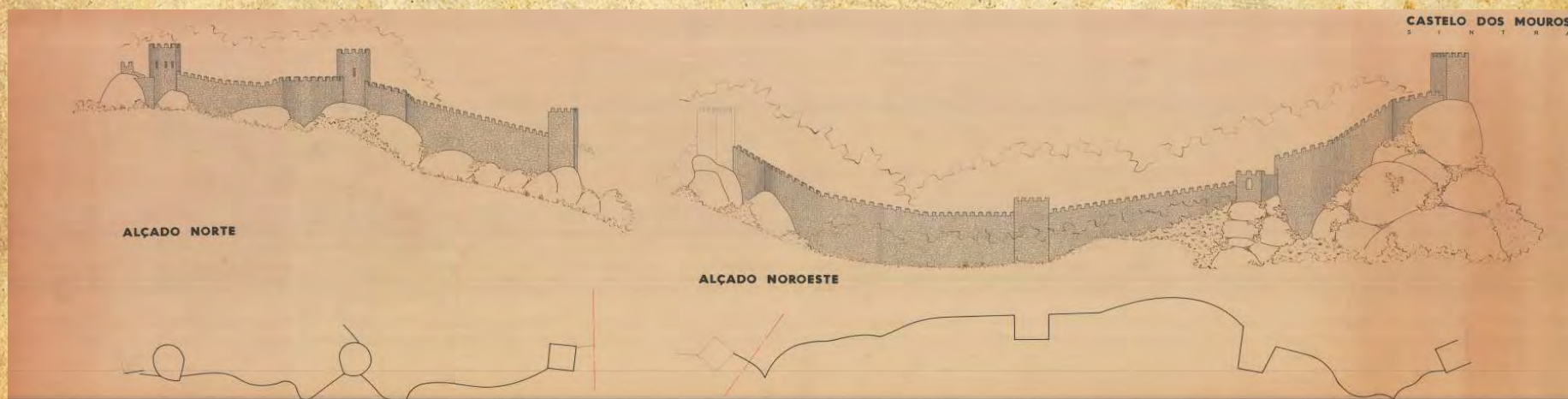
F. Rocchini, phot.

Depositado (N.º 47).

CASTELLO DOS MOUROS DO LADO DO NASCENTE EM CINTRA—CHÂTEAU DES MAURES (CÔTÉ ORIENTAL) À CINTRA



Levantamentos efetuados pelos serviços Técnicos da Câmara Municipal de Sintra



A Reconquista

Após a tomada de Lisboa em 1147, os sarracenos entregam a fortaleza a D. Afonso Henriques (Afonso, filho de D. Henrique que radica a designação que os muçulmanos lhe atribuíram, *Ibn-Arrik* - «filho de Henrique»). Sintra é definitivamente integrada no espaço cristão.

Em 9 de Janeiro de 1154 o monarca outorga Carta de Foral à Vila de Sintra. «*A vós que habitais em Sintra da classe superior ou da inferior e de qualquer ordem que sejais, e a vossos filhos e descendentes, carta irrevogável de direito, estabilidade e serviço*» (...)), este é o preâmbulo do foral outorgado pelo rei à “Villa” de Sintra.

D. Afonso Henriques estabelece a construção da igreja de São Pedro de Canaferrim, o mesmo acontece com a Igreja de Santa Maria, erguidas originalmente na segunda metade do século XII.

Reforma-se a alcaçova ou *palaciaa* de Sintra com trabalhos de beneficiação e ampliação.

Fazendo jus à fertilidade da terra de Sintra, ao longo dos séculos XII e XIII é doado enorme património aos Templários.

Durante século XIV, a ordem monástica de São Jerónimo edifica o Convento da Penha Longa que agrega vastos domínios agrícolas.



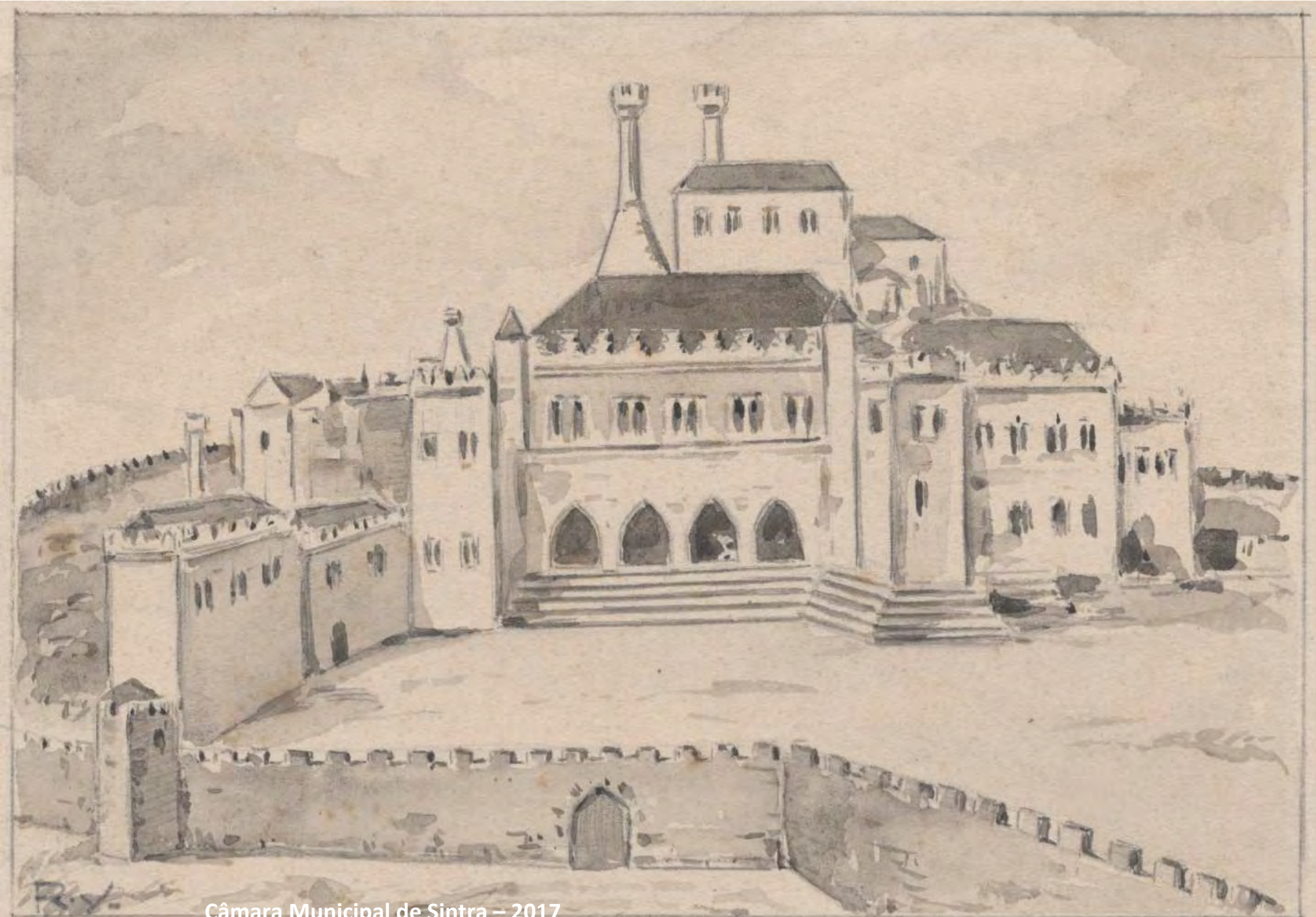


204. SINTRA — Castelo dos Mouros

Igreja de São Pedro de Canaferrim



Igreja de Santa Maria de Sintra





Planta do Palácio Nacional de Sintra levantada em 1902





View from Nature & on stone by W. H. Turner

Printed by C. Hollman

THE CONVENT OF THE PENHA LONGA.

Convento da Penha Longa

Séculos XV e XVI.

O rei D. Manuel I, determina que sejam, novamente, realizadas obras no Palácio Nacional de Sintra, com uma vasta campanha, que transforma e enriquece a Vila. D. Manuel renova o Foral de Sintra. Decreta também a construção do Pelourinho de Sintra e a reforma do Convento da Santíssima Trindade.

Em 1503, é fundado o Convento de Nossa Senhora da Pena por iniciativa do rei D. Manuel, sucedendo a uma capela ou ermida edificada no alto da Serra de Sintra.

As obras de construção, projectadas pelo arquitecto italiano João Potassi, tiveram início em 1503, e oito anos depois estavam concluídas.

Duarte de Armas executa, à pena, desenhos da vila, os quais aparentam constituir o mais antigo registo iconográfico conhecido de Sintra.

A importância da Vila de Sintra nos itinerários régios proporcionou, no final do século XV, por iniciativa da rainha D. Leonor, mulher de D. João II — a instituidora das Misericórdias portuguesas, o melhoramento da sua principal instituição de assistência e caridade, o Hospital e Gafaria do Espírito Santo, de que hoje resta a capela de São Lázaro.

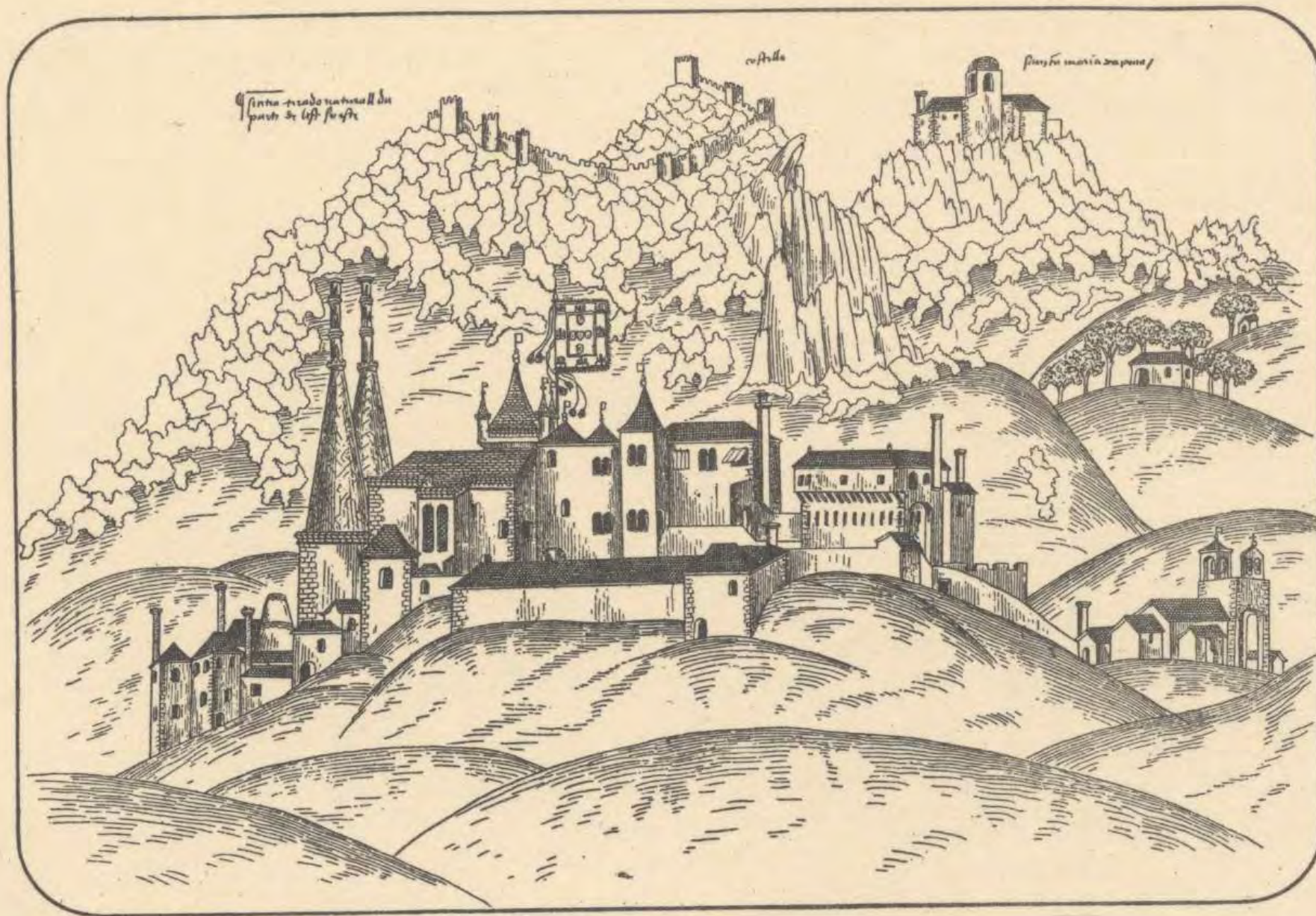


A PART OF THE PALACE.

Câmara Municipal de Sintra – 2017

De planta complexa e irregular, o palácio de Sintra é um conjunto monumental cuja massa arquitetónica se caracteriza por uma relativa independência dos vários corpos e por uma caprichosa disposição dos mesmos em diferentes níveis a assinalar acrescentos e obras de épocas sucessivas.

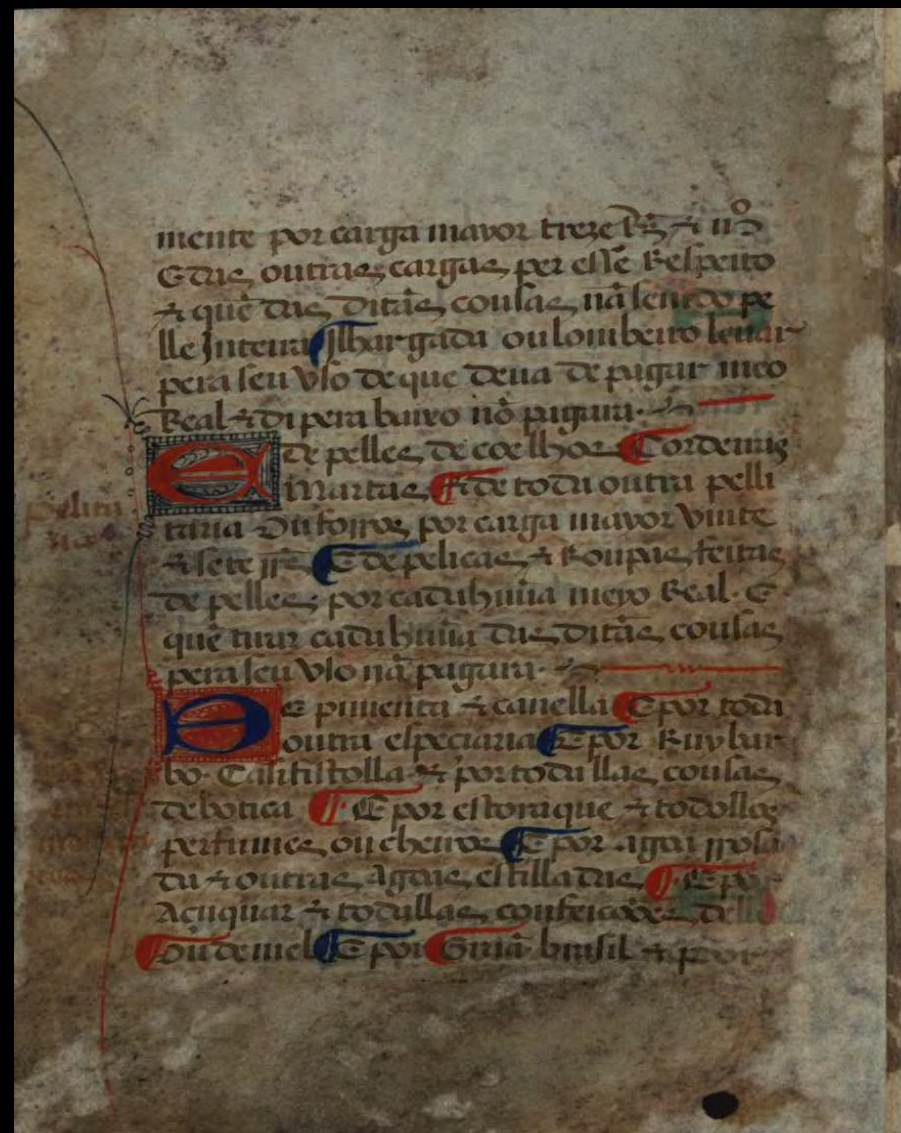
Carlos Azevedo



10

SINTRA VISTA DO SUESTE SEC. XVI

TEMPOS IDOS
 38 ESTAMPAS
 SINTRA-VILA



Frontispício e fólho do Foral outorgado por D. Manuel à vila de Sintra



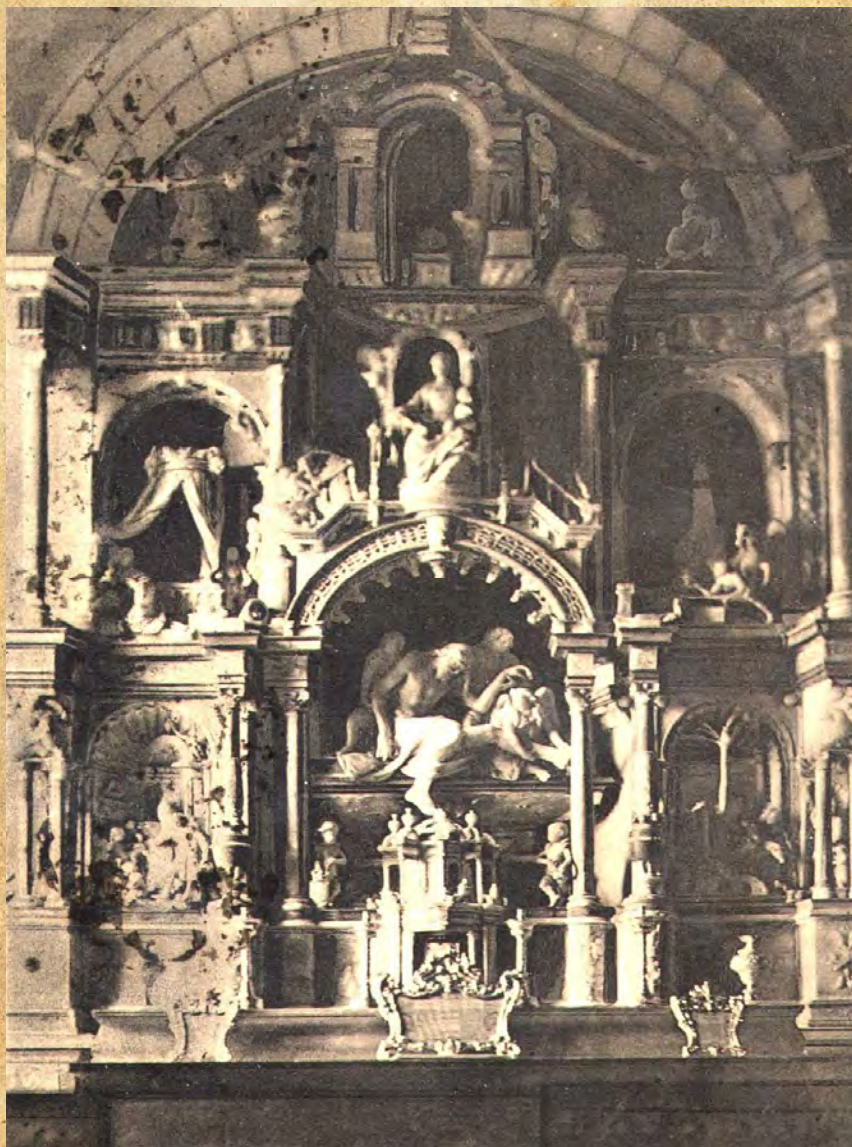
Mosteiro hieronimita de Nossa Senhora da Pena



Mosteiro hieronimita de Nossa Senhora da Pena

No centro desta cultura e vivência renascentista que se insere o retábulo de mármore esculpido por Nicolau de Chanterenne entre 1529 e 1532 para a capela do Mosteiro de Nossa Senhora da Pena na Serra, onde mais tarde se ergue o monumento da Cruz Alta, assinalando a máxima altura da Serra de Sintra.

Neste espírito descobriu D. João de Castro, a partir de 1542, o descanso dos últimos anos da sua vida, na Quinta da Penha Verde. D. Álvaro de Castro manda edificar – no cumprimento de um voto de seu pai, D. João de Castro – o Convento de Santa Cruz da Serra, vulgo Convento dos Capuchos.



**Retábulo de Nicolau Chanterrene na capela de
Nossa Senhora da Pena**



**Cruz Alta a 529 metros a assinalar o
ponto mais alto da Serra de Sintra**



Arco da Quinta da Penha Verde

“A quinta mais curiosa em Sintra é a Penha Verde, onde residiu outrora o célebre D. João de Castro e que ainda pertence aos seus descendentes. Nos momentos livres que a sua vida activa lhe proporcionava, ele ocupou-se da criação de um jardim, que tem sido mantido de acordo com o mesmo plano.

Neste jardim, o seu coração repousa entre as velhas árvores que ele próprio plantou e que ainda são cuidadas por respeito à sua memória. Encontra-se aqui uma grande pedra, trazida por D. João da Índia, cuja inscrição se diz ser em sânscrito. Este herói descendia da mesma família que a bela e infortunada Inês de Castro”.

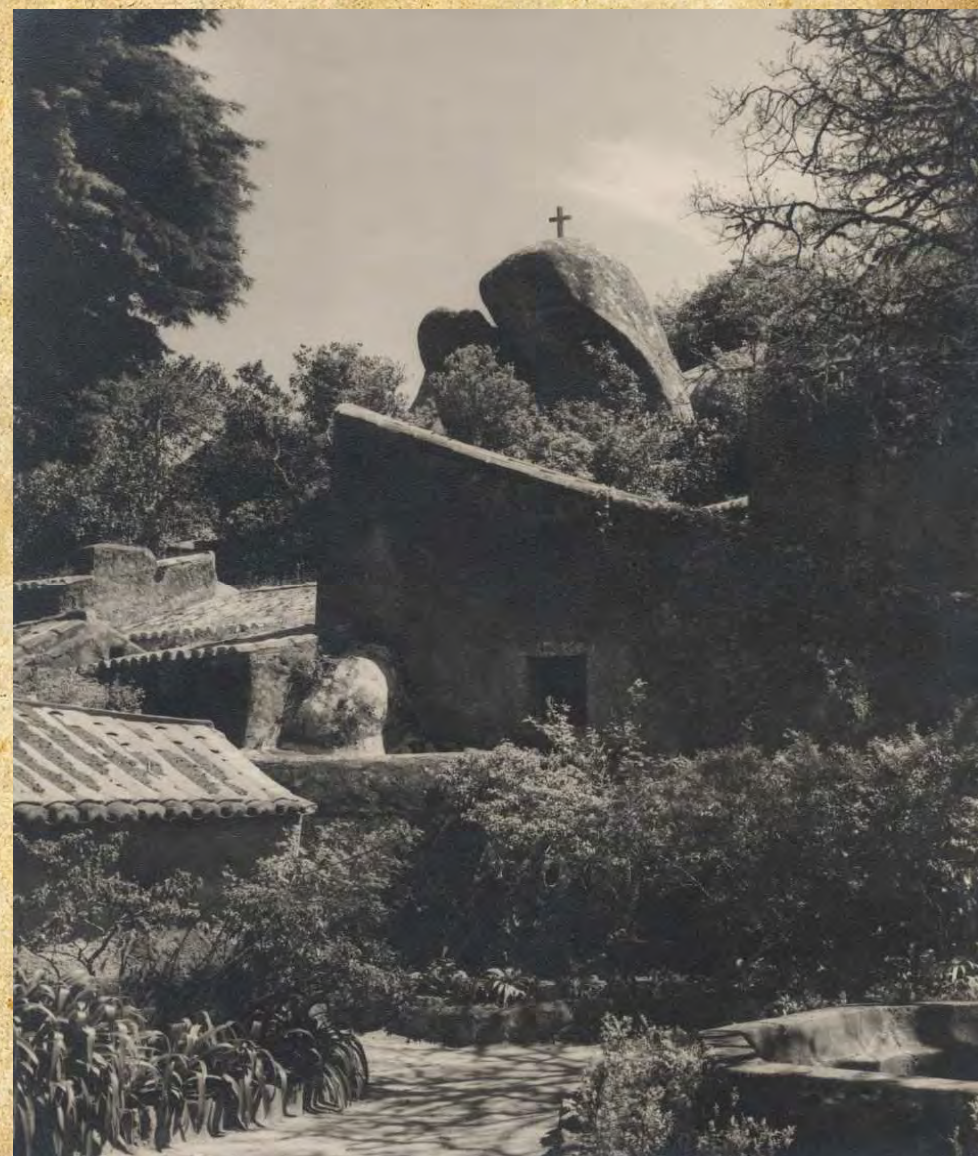
Carl Israel Ruders “Viagem em Portugal” 1798-1802

“Seguimos um ventoso caminho de cabras, que conduz da Cumeada da serra ao Convento da Cortiça, o qual visto de longe, lembra o abrigo de Robinson Crusoé. Diante da porta, que é formada por dois fragmentos de um grande rochedo, fica um terreiro de relva macia tosado pelas vacas. O tilintar das suas campainhas encheu-me de ideias rurais. O ermitério é forrado de cortiça; as suas celas, capela e refeitório, tudo é cavado na rocha. Muitos dos pequenos corredores que os ligam entre si têm não só o tecto de cortiça mas o pavimento também, o que é macio e agradável ao andar”.

William Beckford, Diário de William Beckford em Portugal e Espanha, 1787



Terreiro da Fonte do Convento de Santa Cruz da Serra — Convento dos Capuchos



**Claustro do Convento de Santa Cruz da Serra
Convento dos Capuchos**

Século XVIII

Em inícios de 1700, Luís Garcia Bivar compra a Quinta do Ramalhão e inicia obras na casa. Trinta e cinco anos depois ergue-se o Aqueduto do Ramalhão. Também o elegante Palácio de Seteais é edificado por vontade do cônsul holandês, Daniel Gildemeester, numa porção de terra cedida pelo Marquês de Pombal.

O terramoto de 1755 causou na Vila de Sintra e no seu termo avultados estragos.

Cerca de 1780 inicia-se a construção em Monserrate, propriedade de Devisme, do neogótico palacete projectado por Elsdon (antigo palácio).

O Palácio de Seteais é inaugurado em 1787. A sua arquitectura neoclássica, a estrutura do palácio adapta-se à irregularidade do terreno, e fantasiosamente emoldura o Palácio da Pena.

Na segunda metade do século XVIII, decorrem, de novo, obras de restauro no Paço da Vila.



Vista Panorâmica da Quinta do Ramalhão



Estrada Nova da Rainha com vista para o Palácio de Monserrate



Palácio de Monserrate à época de Devisme



Palacio dos Seteais, em Cintra

Campo e Palácio de Seteais

Século XIX – A Pena e o ideário Romântico

O grande empreendimento artístico deste século em Sintra é sem dúvida o Palácio da Pena, obra marcante do romantismo português, iniciativa do rei-consorte D. Fernando II, marido da rainha D. Maria II (1834-1853), um alemão da casa de Saxe-Cobourg-Gotha.

O Palácio, construído sobre o que restava do velho mosteiro Jerónimo do século XVI — mas conservando-lhe partes fundamentais (a capela, o claustro, algumas dependências) — é de uma arquitetura eclética única que não teve continuidade na arte portuguesa.

Projeto do barão de Eschwege e do próprio D. Fernando II substitui-se ao Palácio da Vila enquanto estância de veraneio da Corte.

4 - Setembro - 1839

Processo praticado no Aforamento
do sítio denominada o Castello dos Mou-
ros, situada na Serra de Cintra junto do
ll +
 24 de Janeiro de 1840.
Memos.

Eu El Rey faço saber aos que este Meu Alvará de Prorrogação vierem, que Nui por bem constituir Meu Barão de Pombal, com seus poderes e atribuições necessárias, do Granel e Real Corpo de Engenheiros, Barão d'Eschwege, para que por Mim, e em Meu Nome, possa lançar no aforamento do terreno chamado Castello dos Mouros, na Serra de Cintra; assignar competente Terreno, e tomar posse do dito Terreno, praticando os mais actos que necessários forem relativos ao mesmo aforamento, e que tudo deu por firme e Valido.

Feito no Palacio das Necessidades, sob Meu signal, e Sello, aos Vinte e sete de Dezembro, de mil oito centos, trinta e nove.

El Rey



Processo do aforamento do Castelo dos Mouros, em 1839, ao Rei D. Fernando II aquando da construção do Parque da Pena.



Palácio da Pena e Templo das Colunas vistos por William Burnett em meados do século XIX



G. Rodin (1861)

Reprodução N.º 42

Palácio da Pena do lado do poente

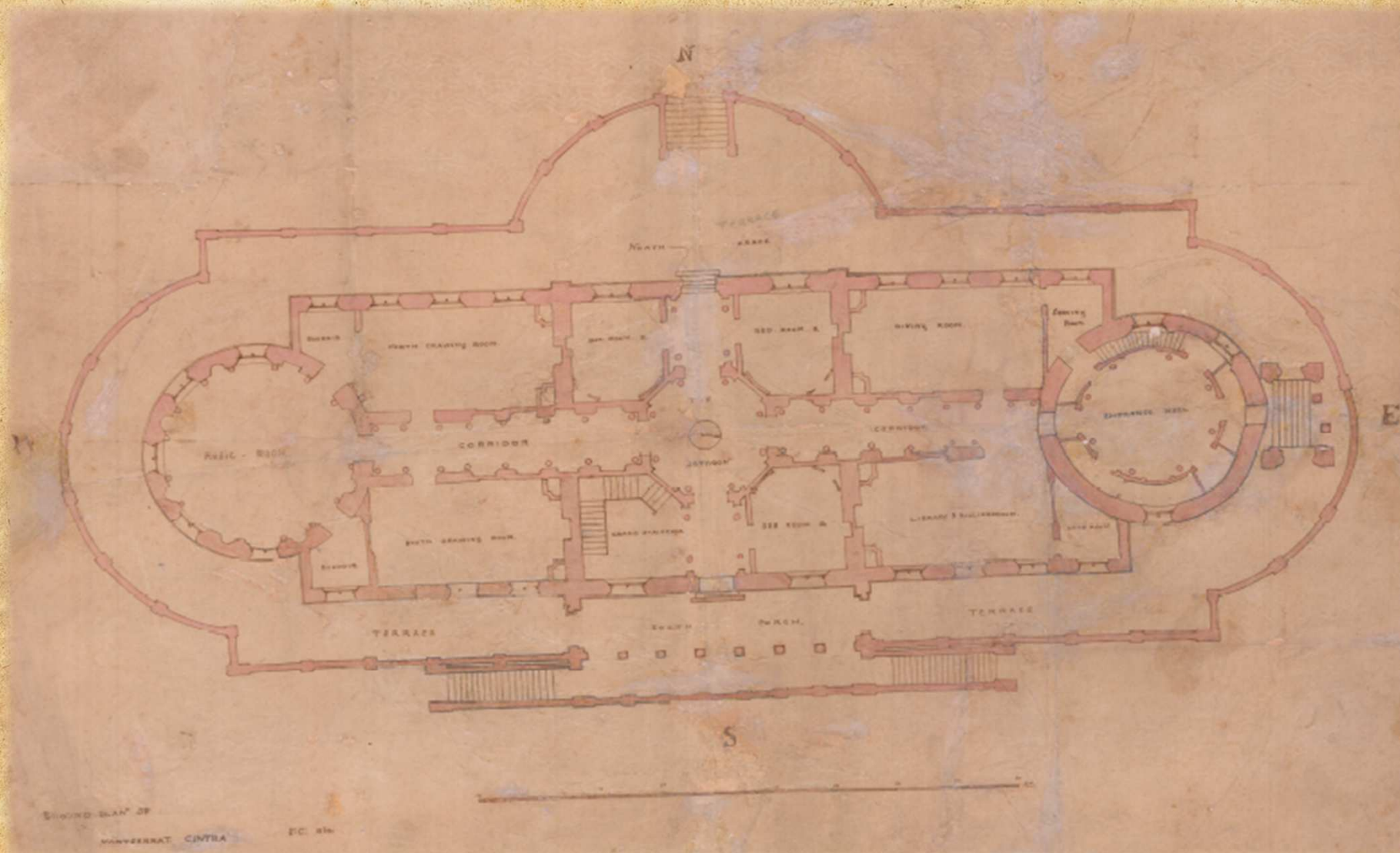
Sintra

Palácio da Pena no início do Século XX

Século XIX – Tempos áureos

Os proprietários de Monserrate retornam a Sintra em 1855. É nesta altura que a propriedade é vendida a um célebre comerciante têxtil inglês – Francis Cook. O projeto de reconstrução do novo palácio foi em 1858 encomendado ao arquiteto inglês James Knowles. As obras de remodelação tiveram como um dos principais objetivos aproveitar as estruturas pré-existentes – ruínas da mansão neo-gótica edificada pelo comerciante inglês Gerard de Visme, – e manter, dentro dos possíveis, as primitivas estruturas. Tudo se articulava em cenários e ambientes irrealistas que permitiam inserir o observador numa qualquer cena romântica. O novo traço do palácio apresenta-nos, na sua arrojada arquitetura, sugestões indianas, góticas e mouriscas.

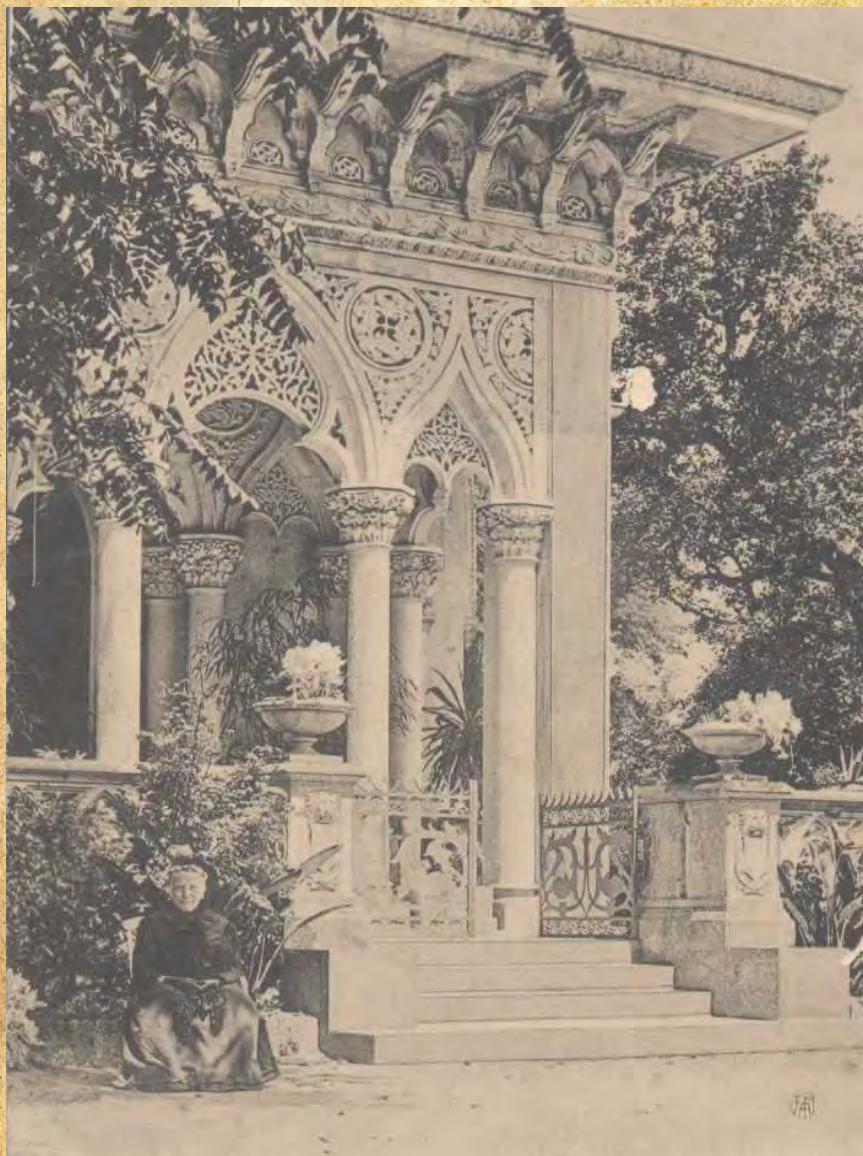
É no exotismo desta paisagem envolta em nevoeiro boa parte do ano que atrai portugueses e estrangeiros, que aqui se vão fixando em palácios, palacetes e chalés... surgem pois edificações como Quinta do Relógio, e o Palácio Valenças do arquitecto Luigi Manini, mas também, da Quinta da Amizade ou ainda do invulgar Chalé Biester, que se vão construindo ou reconstruindo à medida deste invulgar meio.



Planta do Primeiro Andar do Palácio de Monserrate



Palácio de Monserrate



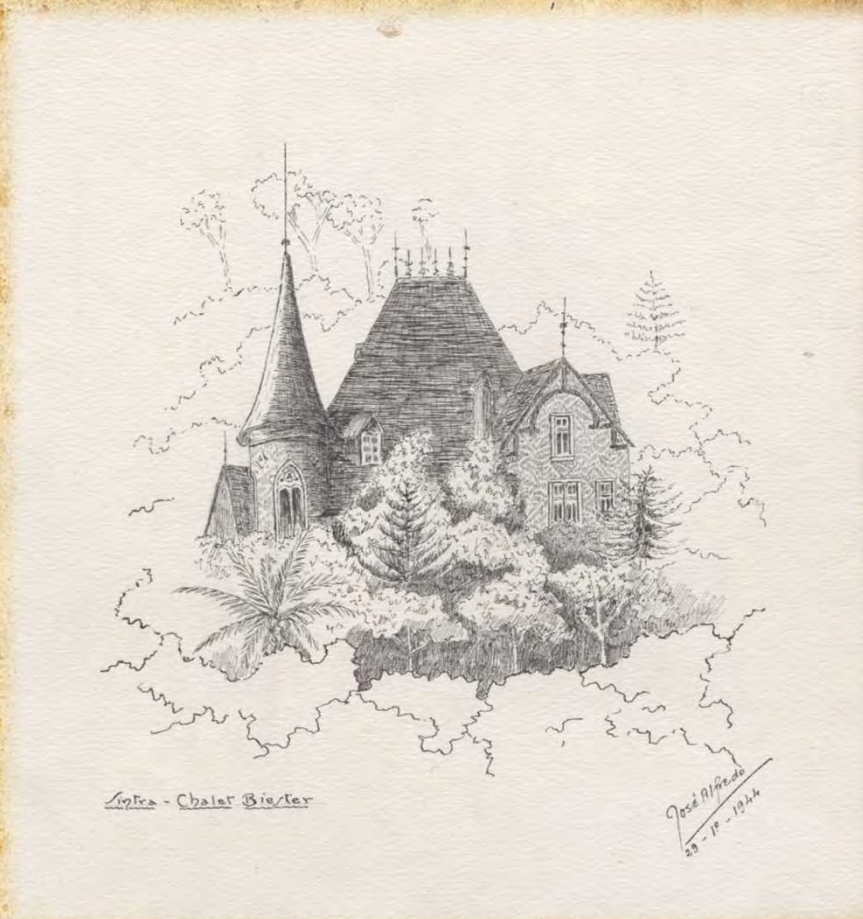
Palácio de Monserrate



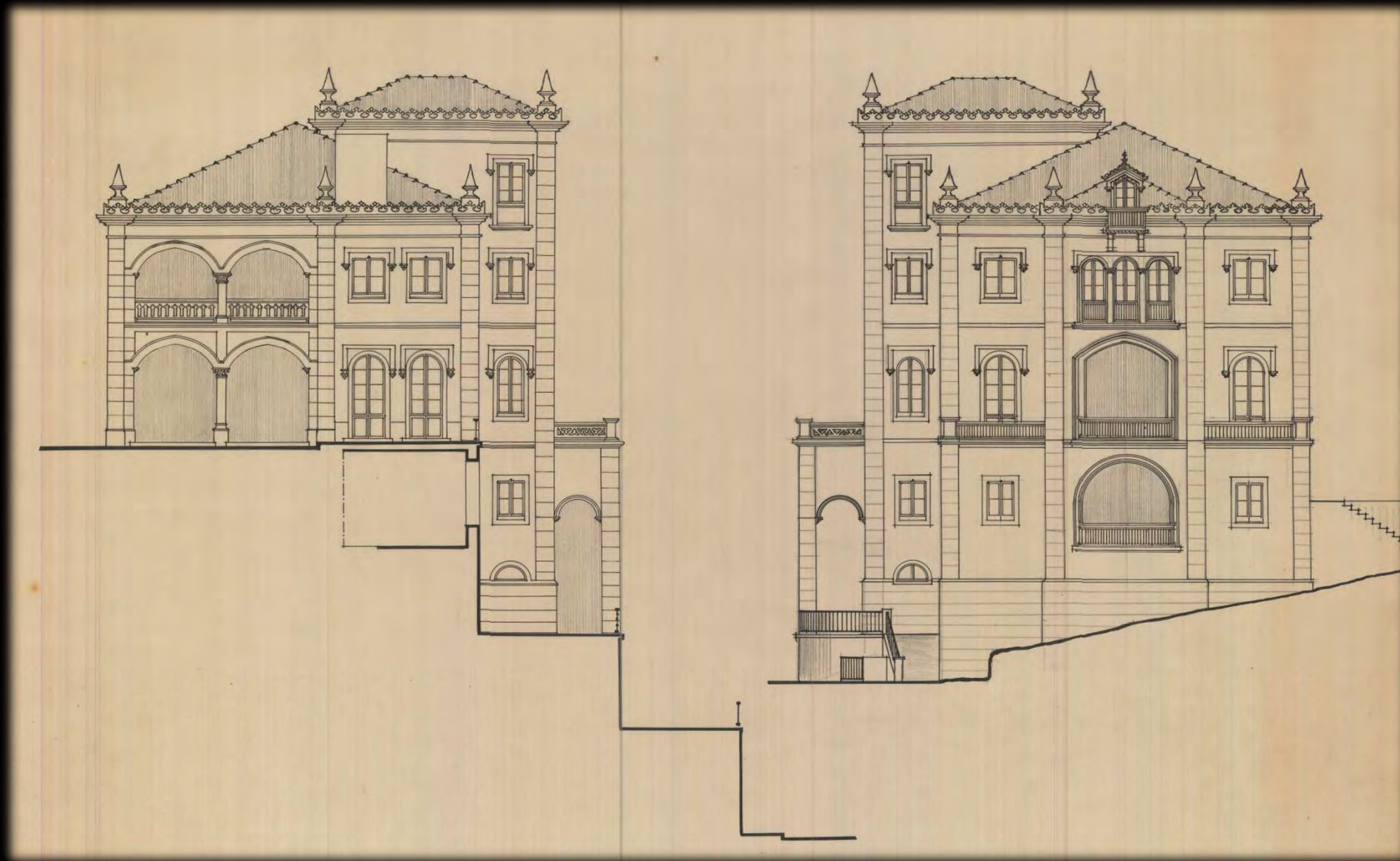
Quinta do Relógio



**Quinta da Amizade desenhada por
José Alfredo da Costa Azevedo**



**Chalet Biester desenhado por
José Alfredo da Costa Azevedo**



Palácio Valenças – Levantamento realizado pelos serviços técnicos da Câmara Municipal de Sintra

Final do Século XIX

A vila sintrense, cravada entre a abrupta encosta do Castelo e o reentrante vale do Arraçário, ditou o seu alargamento para fora da orla tradicional. Aos poucos geraram-se novos e diferentes “centros” de desenvolvimento vivencial.

A construção da linha de caminho-de-ferro, no terceiro quartel oitocentista, começou a esboçar-se, com a edificação das casas dos engenheiros ferroviários, na “Correnteza”, o novo bairro da Estefânia, assim batizado em homenagem à rainha casada com D. Pedro V.

Após várias tentativas sem sucesso, a inauguração do comboio a vapor, que substituiu o pesado e pouco fiável *larmanjat* na ligação a Lisboa, foi possível, no contexto regenerador de *fin de siècle*, impulsionar o crescimento de Sintra num outro espaço.

A viragem do século trouxe consigo a ligação do elétrico à Praia das Maças, e logo toda a zona Atlântica. A inauguração da linha que fazia a ligação entre o centro da Vila de Sintra e a Praia das Maças ocorreu em 10 de Junho de 1904.

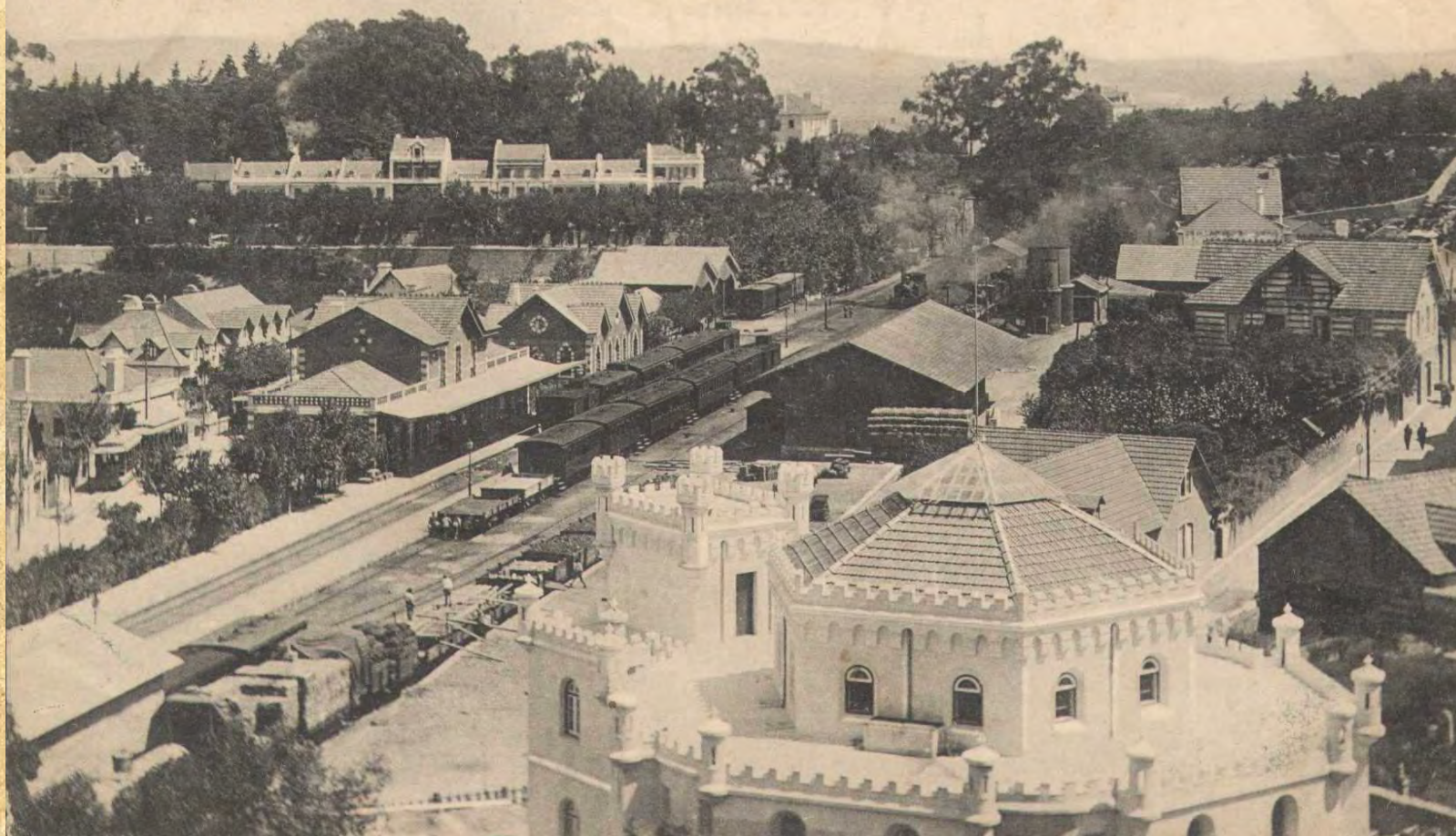
Cintra, Estefania, vista do Castelo dos Mouros.





Crescimento Urbano da Rua Alfredo Costa no início do Século XX

N.º 939 — PORTUGAL — CINTRA — Bairro da Estação do Caminho de Ferro e Cadeia Nova



Cadeia Comarcã, Estação dos Caminhos de Ferro e Correnteza no início do Século XX



36. Portugal - Sintra - Estação de Co. de Ferro

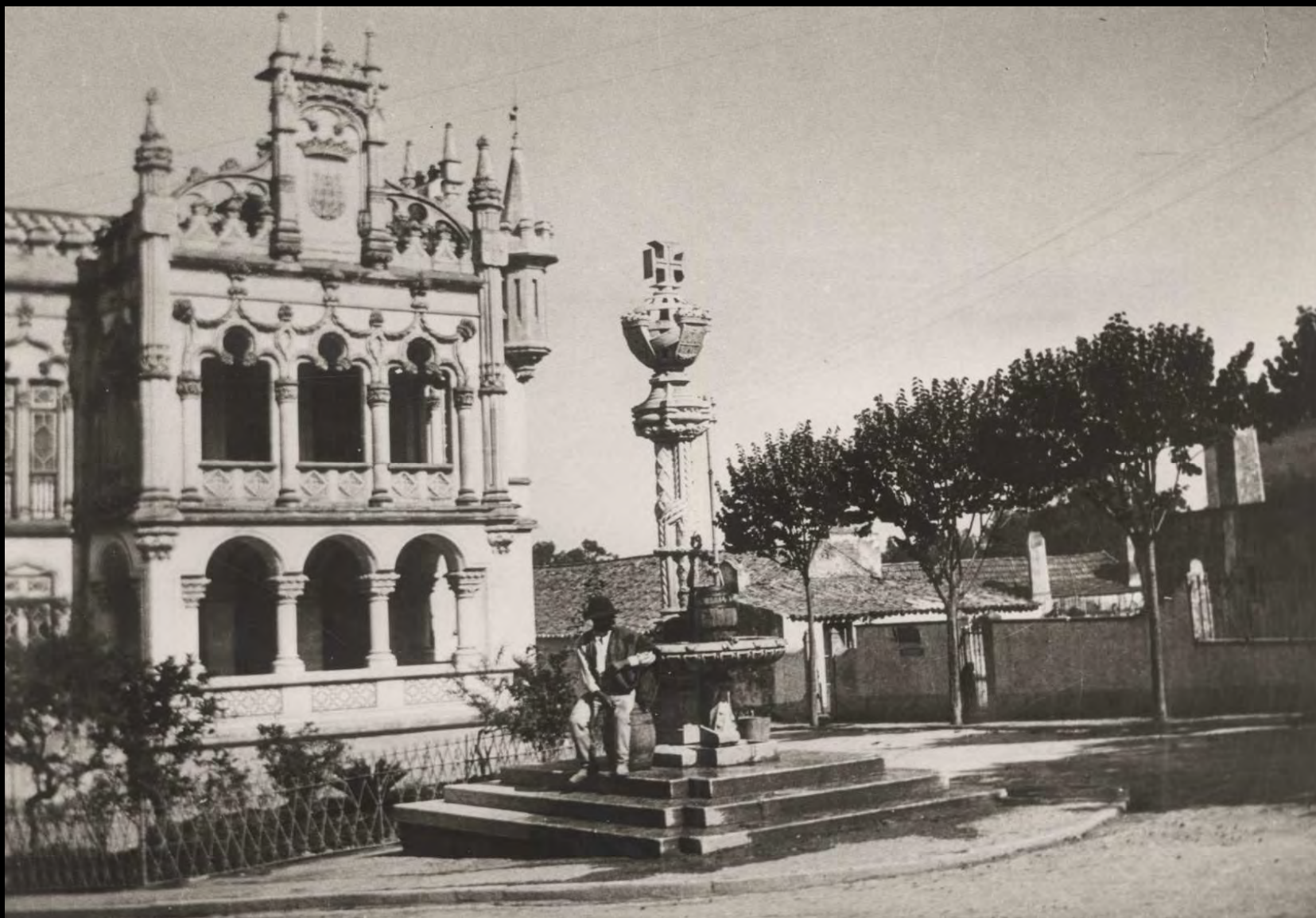
Estação dos Caminhos de Ferro no início do Século XX

A Câmara, presidida por Virgílio Horta, determinou abandonar a casa da vereação que ocupava desde finais de setecentos, à entrada da Vila, e instalar-se em local mais amplo. O novo edifício dos Paços do Concelho (com construção iniciada em 1905) foi construído a meio caminho entre a *Vila Velha* e a *Vila Nova*, à custa da ermida quincentista. Também o antigo cemitério de São Sebastião deu lugar a um castelinho medieval de planta hexagonal, a Cadeia Comarcã.

Sintra era já reconhecido lugar de veraneio e residência de aristocratas e de milionários. De entre estes, Carvalho Monteiro detentor de uma considerável fortuna fez construir perto da Vila, o Palácio da Regaleira que constitui um dos mais surpreendentes monumentos da Serra de Sintra. Situada no termo do centro histórico da Vila, foi construída entre 1904 e 1910. Carvalho Monteiro coligou ao seu original projecto de arquitectura e paisagem o génio criativo do arquitecto e cenógrafo italiano Luigi Manini, surge assim o denominado, na época, “Bolo de Noiva”. A arquitectura e a arte do palácio, capela e demais construções foram cenicamente concebidas, salientando-se a predominância dos estilos neo-manuelino e renascentista, imbuídos em magia e mistério.



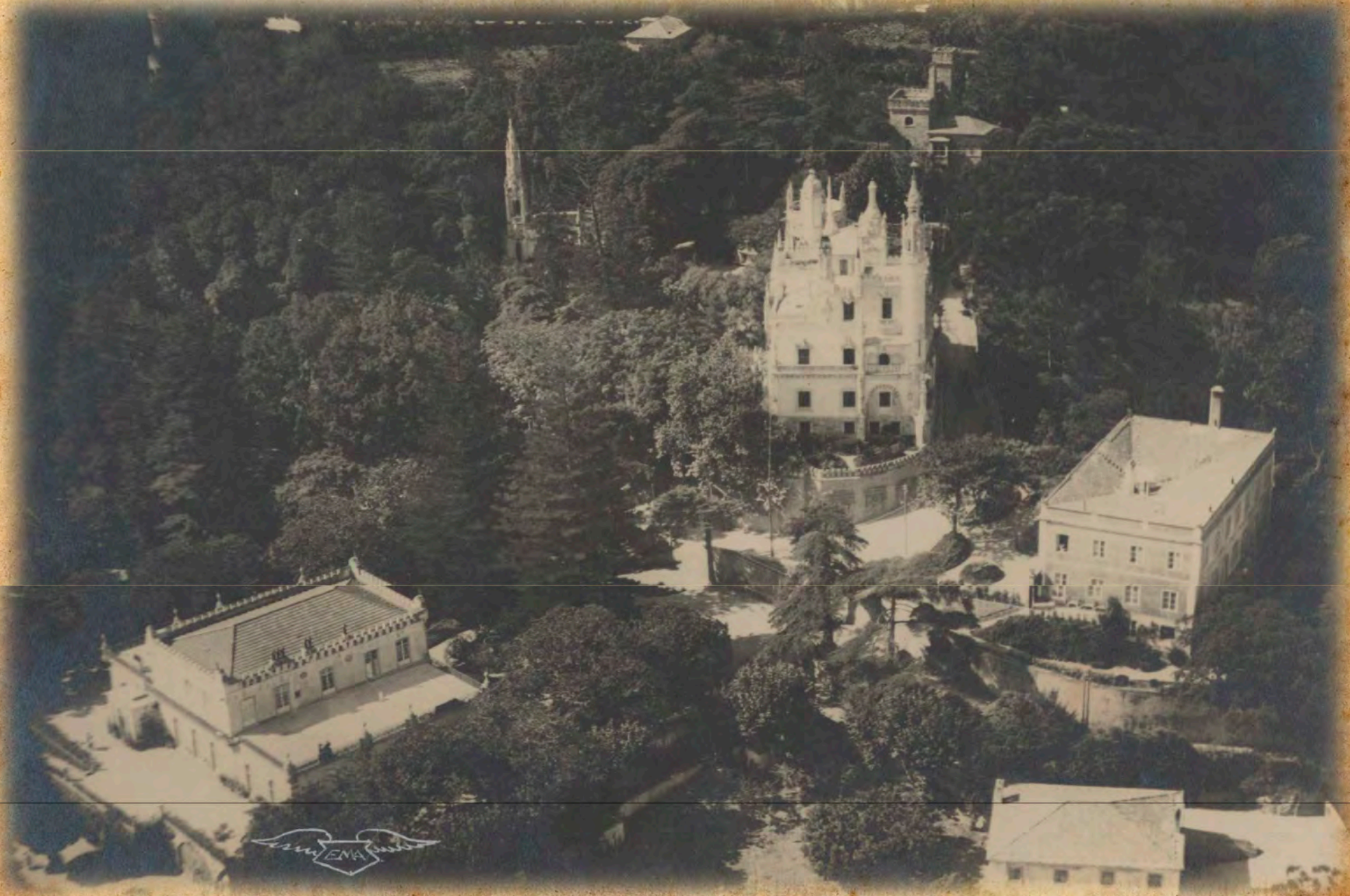
Paços do Concelho de Sintra na Vila Velha atual News Museum
Desenho de Thiago Braddell



Largo Dr. Vergílio Horta com os novos Paços do Concelho no início do século XX



Perspetiva do Largo Dr. Vergílio Horta



Quinta da Regaleira, Quinta do Relógio e Vila Roma no início do Século XX

O Desenvolvimento do Século XX

A Câmara republicana tratou de *democratizar* a Vila Velha, preparando-a para a acolher um outro modo de estar. Assim se compreenderá que, logo em 1912, se tenha mandado demolir os anexos do antigo Paço Real.

Esta modificação radical do prospeto da velha Sintra foi, ao longo do século XX, acompanhada por outras iniciativas que contribuíram para a configuração da Vila atual, nomeadamente, a demolição da nave da Igreja da Misericórdia, de forma a abrir-se o Largo Gregório de Almeida, algures na década de 1920, e, já nos anos 60, o alargamento da Volta do Duche que redimensionou o acesso ao Centro Histórico.

Aos poucos geraram-se novos e diferentes “centros” de desenvolvimento vivencial.

Na Estefânia, entre 1922 e 1924 revelava-se o Casino e, mais tarde, o Cineteatro Carlos Manuel (atual Centro Cultural Olga de Cadaval) da autoria do Arquiteto Norte Júnior.



Largo Rainha Dona Amélia antes da demolição das dependências do Paço em 1912



Planta do Palácio Nacional de Sintra levantada em 1902 com as dependências demolidas em 1912



No. 396

Um trecho da Villa de Cintra e o antigo Palacio Real — Cintra
Un aspect de la Ville de Cintra et de l'ancien Palais Royal — Portugal

**Sintra imortalizou-se, como um lugar
privilegiado para artistas, arquitetos, escritores,
pintores, poetas... que
enalteceram permanentemente a sua beleza,
exotismo e história...**

**É um lugar surpreendente, onde o Homem
e a Natureza se conjugaram numa simbiose
perfeita...**

CM-SINTRA.PT
um melhor município

